

quadro dramático da loucura de Rubião.

Insistimos em dizer, com Henri-Irinée Marrou, que *o papel histórico de Roma não foi criar uma nova civilização, mas implantar e radicar solidamente no mundo mediterrâneo a civilização helenística pela qual ela mesma fora conquistada*. (1975: 447-8). Acreditamos que os ecos clássicos antigos, na verdade, se espalham por todo o mundo ocidental e, quiçá, já esteja bastante presentes no oriental.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História da Lingüística*. Trad. de Maria do Amparo S. Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CARÍSIO. *Ars Grammatica*. Ed. H. Keil. Lipsiae, Teubner, 1857.
- CHARPIN, F. La Notion de solécisme. Pp.205-216. In: COLLART, Jean. *Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- COLLART, Jean. *Varron Grammrien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- . *et alli. Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- . À Propos des etudes syntaxiques chez les grammairiens latins. Pp. 195-204. In: COLLART, Jean. *Varron – Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- HOLTZ, Louis. Sur traces de Charisius. Pp. 225-233. In: COLLART, Jean. *Varron Grammaire Antique et Stylistique Latine*.
- MARROU, Henri-Irinée. *História da Educação na Antigüidade*. Trad. de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U., 1975.
- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SPALDING, T. Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.

#### NOTA

<sup>1</sup> Os gramáticos romanos indicavam o gênero com a anteposição dos demonstrativos, já que em latim não existia artigo definido.

#### ANÁLISE DO CARMEN I (56) DOS CARMINA BURANA

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ)

#### RESUMO:

Pretendemos abordar um poema que faz parte dos *Carmina veris et amoris*, uma das três partes em que se encontram divididos os *Carmina Burana*. Após uma breve introdução sobre o gênero a ser estudado, apresentaremos o *corpus* a ser traduzido e analisado. Depois da tradução, analisaremos o poema, cuja temática principal é a primavera e tudo o que ela traz consigo: renascimento, amor e alegria. Os comentários dar-se-ão em diversos campos: morfológico, ortográfico, mitológico, estilístico e literário.

**Palavras-chave:** Latim Medieval, *Carmina Burana*, *Carmen I (56)*.

Não temos por objetivo, neste artigo, tecer maiores comentários sobre a etimologia e a origem dos *Carmina Burana*, em razão de eles já terem sido feitos em outro artigo que versou sobre os versos satíricos desta obra. Nossa intenção, neste trabalho, é traduzir, analisar e comentar o poema que nos serve de título. Ele faz parte de um grupo de poemas que aborda a temática primaveril e amorosa: *Carmina veris et amoris*. Assim sendo, os deuses que mais se destacam nesse tipo de composição são Cupido ou Amor e sua mãe, Vênus. A primavera, que, por vir logo após o inverno, aparecerá sempre como símbolo de renascimento, de amor entre os homens e os animais e, por fim, como símbolo de esperança.

O poema escolhido está de acordo com o modelo mais comum da poesia amorosa medieval. Ao iniciar o poema, o autor procura, na primeira estrofe, celebrar a chegada da primavera, que favorece principalmente o amor entre os jovens, fato este comprovado pela presença dos vocábulos *alumnus* e  *tiro*. O vate reserva duas estrofes para cantar a beleza e as muitas qualidades da mulher ideal. Conclui o poema, rogando a Cupido e a Vênus que não permitam que o seu fim e o de sua amada sejam iguais ao de Dafne e Apolo.

#### CARMEN I (56)

I. Ianus annum circinat,  
Ver estatem nuntiat;  
Calcat Phebus ungula,  
Dum in Taurum flectitur,  
Arietis repagula.

Amor cuncta superat,  
Amor dura terebrat.

2. Procul sint omnia tristia

dulcia gaudia  
sollemnizent Veneris gymnasia!  
debet iocundari  
quos militare contigit  
Dione lari.

Amor cuncta...

3. Dum alumnus Palladis  
Cytheree scolam  
introissem, inter multas  
bene cultas  
vidi unam solam  
facie Tyndaridi  
ac Veneri secundam,  
plenam elagantie  
et magis pudibundam.  
Amor cuncta...

4. Differentem omnibus  
amo differenter;  
novus ignis in me furit  
et adurit  
indeficienter.  
nulla magis nobilis, habilis  
pulchra vel amabilis;  
nulla minus mobilis, instabilis,  
infronita reperitur,  
vel fide mutabilis.  
eius letum vivere  
est meum delectari;  
diligere si merear,  
hoc meum est beari.

Vincit Amor omnia,  
regit Amor omnia.

5. Parce, puer, puero!  
fave, Venus, tenero,  
ignem movens,  
ignem fovens,

ne mori sit quod vixero,  
nec sit <ut> Daphnes Phebo,  
cui me ipsum dedo!  
olim tiro palladis,  
nunc tuo iuri cedo.

Vincit Amor...

### TRADUÇÃO

Jano traça o ciclo do ano e a primavera anuncia o verão. Febo, enquanto se dirige para Touro, pisa, com os seus pés, as barreiras de Áries.

O Amor a tudo supera, o Amor fura todas as coisas duras.

Que para longe se vão todas as tristezas e que as escolas de Vênus celebrem as doces alegrias! Convém que o regozijar-se aconteça a todos que militam na casa de Dione.

O Amor a tudo...

Depois que, na condição ainda de aluno de Palas, entrei na escola de Citeréia, vi, entre muitas e bastante cultas mulheres, apenas uma, segunda em beleza, se comparada à filha de Tindaro e a Vênus, porém cheia de elegância e mais pudibunda.

Diferentemente amo aquela que difere de todas; um novo fogo da paixão se agita em mim e me abrasa incessantemente. Nenhuma é mais nobre, mais hábil, mais bela ou amável que ela; nenhuma outra é encontrada menos inconstante, menos instável, menos digna de confiança ou mutável quanto à fidelidade. A sua vida feliz é o meu deleite; se sou merecedor de ser amado (por ela), esta é a minha recompensa.

O Amor tudo vence, o Amor a tudo governa.

Poupa, menino, a este menino! Favorece, Vênus, a este inocente, agitando e aquecendo o fogo da paixão, para que aquilo que eu vier a viver não seja a morte, para que aquela a quem eu me entrego não seja como Dafne para Apolo! Outrora eu era um recruta de Palas, mas agora eu marchou sob tuas ordens.

### COMENTÁRIOS

A presença de Jano, logo no primeiro verso, traz à tona o mês que dá início ao ano. Ao empregar o verbo *circinat*, da mesma família de *circinus* (compasso), o autor tenciona mostrar que a deusa, com seu compasso, começa a traçar as primeiras linhas do ano.

Ainda na primeira estrofe encontramos a descrição das três primeiras estações: o inverno, com a presença de Jano; a primavera, com a passagem de Áries a Touro, que ocorre, no hemisfério norte, em dezessete de abril; e o anúncio

do advento do verão.

O emprego de *repagula*, para descrever a passagem do sol por Áries, com certeza é inspirado em Ovídio, onde os cavalos do sol “pedibusque repagula pulsant” (Met. 2.155).

No refrão “Amor cuncta superat”, ouvimos o eco virgiliano: “omnia vincit Amor, et cedamus Amori.” A imagem criada pelo verbo *terebrat* é de uma verruma perfurando a dura lã.

Na segunda estrofe encontramos um neologismo, *sollemnizent*. Este verbo, de criação medieval, é freqüente em contextos litúrgicos e legais do século XII. O neutro *Gymnasia* traz consigo o sentido geral de “escolas”, porém, como está ligado a lutas, parece-nos que foi empregado também para aludir ao embate amoroso. Ainda nesta estrofe, merece destaque o verbo *militare*. Ele carrega a idéia de uma campanha amorosa, idéia esta bastante freqüente na elegia amorosa latina na era de Augusto, conforme se verifica no poeta Ovídio: “Militat omnis amans, et habet sua castra Cupido;/ Attice, crede mihi, militat omnis amans.” (Am. I.9).

O excerto “decet iocundari quos militare contigit” apresenta um alto grau de dificuldade no que se refere à tradução. Isso se dá principalmente pela presença de dois verbos impessoais, *decet* e *contigit*. O primeiro com certeza não parecerá estranho para quem já se debruça no estudo de autores clássicos; o segundo, porém, é bem mais raro, deriva do verbo *contingere* e se apresenta, em alguns poucos dicionários, sob o paradigma *contingit*, -çbat, -?git, -gire: “suceder”, “acontecer”.

No último verso desta estrofe, aparece Dione, que, segundo as narrativas mitológicas, é a mãe de Vênus. Contudo, na poesia renascentista latina, o seu nome se refere invariavelmente à própria Vênus, seguindo, assim, um modelo já estabelecido por Ovídio.

Merecem destaque, logo no início da terceira estrofe, os vocábulos *alumnus* e *scolam*. O primeiro destaca o estado anterior do poeta: estudioso e aplicado discípulo de Palas, deusa da sabedoria; o segundo, o seu estado atual: um amante que se alistou na escola de Citeréia, epíteto de Vênus, em razão de ela ser venerada na ilha de Citera. A palavra *scolam*, com a queda do *h*, mostra-nos como se deu a passagem desta palavra para as línguas neolatinas.

A primeira alusão histórica se concretiza na figura de Helena. Aqui, apresentada como filha de Tíndaro, algo que já era confirmado por Virgílio e Horácio. Ela é repetidamente citada nos *Carmina veris et amoris* como o ideal de beleza física. Com certeza, ao declarar que sua amada é *magis pudibunda* que ela e Vênus, o vate traz à lembrança os deslizes morais de Helena, que traiu o marido com Páris, e de Citeréia, flagrada na cama com Marte pelo marido Vulcano.

A quarta estrofe, no que se refere ao latim clássico, está cheia de neologismos. O primeiro é o advérbio *differenter*, formação oriunda do latim tardio. O segundo, também advérbio, é *indeficienter*, que tem suas origens no latim cristão.

O último é *infronita*, latim clássico, *infrunit*, e que aqui foi provavelmente tomado de empréstimo ao latim bíblico: “... Et animae irreverenti et **infrunitae** ne tradas me.” (Eclesiástico 23:6).

A explicação para a construção *letum vivere*, em que o primeiro funciona como adjetivo e o segundo como substantivo, deve-se ao hábito, no latim medieval, de se empregar o infinitivo como nome, o que também vem a acontecer com *delectari* e *beari* nesta estrofe e com *mori*, na estrofe seguinte.

O *puer* que aparece na última estrofe se refere com certeza a Cupido.

Nas orações *ne mori sit quod vixero* aparece um lugar comum nos *Carmina Burana*: A idéia de que a vida, após uma desilusão amorosa, é um tipo de morte.

Ainda na última estrofe encontramos uma alusão a duas figuras mitológicas: Dafne e Apolo. O deus, louco de paixão, ao ser rejeitado pela donzela, persegue-a como um cão a uma lebre, mas, quando estava quase a alcançá-la, o pai dela, atendendo a seu pedido, transforma-a em um loureiro. Desde então, em sua homenagem, a árvore passa a ser o símbolo do deus Apolo e das conquistas.

No que diz respeito à ortografia, notamos uma particularidade neste texto que o difere do latim clássico: uma das mudanças ortográficas mais freqüentes entre o latim clássico e o medieval é, sem dúvida, a monotongação, mais especificamente na simplificação de *ae* e *oe* para *e*, conforme ocorre em *estatem* (*aestatem*), *Phebus* (*Phoebus*), *Cytheree* (*Cythereae*), *elegantie* (*elegantiae*), *letum* (*laetum*).

Sobre o emprego da rima, o que certamente parecerá estranho para um leitor habituado a ler os clássicos, vale dizer que, na versificação latina, a transição do verso quantitativo para o verso rítmico foi um processo gradual que começou já nos primeiros séculos da era cristã. Como o acento tônico começasse a se tornar cada vez mais freqüente em latim, a distinção entre as sílabas longa e breve foi gradualmente desaparecendo, principalmente entre os menos afeitos aos clássicos. Durante o período Carolíngio, a rima interna (verso leonino), hexâmetro e o pentâmetro estão em evidência. Apesar de seu longo histórico, é apenas no século XII que a rima chega ao seu apogeu graças às seqüências rítmicas, que eram cânticos entoados em dias festivos entre a leitura das epístolas e dos evangelhos durante a Missa. Provavelmente este tipo de tradição litúrgica cantada veio a influenciar grandemente os *Carmina Burana*.

## BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam. Ed. Preparada por COLUNGA, Alberto O. P., et TURRADO, Laurentio. 10. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.  
CARMINA BURANA. A cura di Piervittorio Rossi, texto latino a fronte. VI

- edizione. Milano: Tascabili Bompiani, 1995.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1959. XIII, 820p.
- LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.
- LOVE LYRICS FROM THE CARMINA BURANA. Edited and translated with a commentary by P. G. WALSH. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1993.
- OVID. *Heroides. Amores*. Translated by Grant Showerman and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Metamorphoses: Books IX-XV*. Translated by Frank Justus Miller and revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1994.
- VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid*. With an english translation by H. Rushton Fairclough. London, Loeb Classical Library, 1994.

## OVÍDIO E SUA OBRA

Prof. Me. Laert Ribeiro de Souza (UERJ)

### Resumo:

Já se disse antes, mas acreditamos nunca ser exagero a repetição, que aqueles que se destacam, de alguma forma, em qualquer atividade humana, em especial naquelas resultantes do intelecto, serem pessoas capazes de despertar sentimentos por vezes exagerados e contraditórios, sentimentos que muitas vezes dão origem a críticas acirradas ou a defesas emocionais. Assim, foi a trajetória de vida de Ovídio, por vezes, pouco considerado como grande poeta que, de fato, foi. **Palavras-chave:** era de Augusto César, Ovídio, “Tristia”.

Públio Ovídio Naso ((43 a.C. a18 d.C) foi um poeta dotado de enorme sensibilidade e de grande facilidade na arte de versejar, que trabalhou o amor em dísticos elegíacos como ninguém, poeta querido e elogiado pela sociedade romana. Para outros, é um autor superficial, frívolo, sem emoções e apenas preocupado com os prazeres mundanos e as formas ideais da língua.

Qualquer que seja a opinião que se pretenda ter, no entanto, sobre o que Ovídio escreveu, obras que atravessaram os séculos e que chegaram aos nossos dias ainda despertando interesses e mesmo críticas, são obras que merecem o nosso respeito, obras que merecem a nossa atenção e o nosso estudo imparcial, o nosso estudo isento de emoções. Aliás, dizer-se que estudos sobre as obras ovidianas possam ser isentos de emoções é um tanto exagerado. Dificilmente se consegue mergulhar nas obras desse poeta romano sem que fortes sentimentos nos dominem, sem que nos envolvamos em suas dores e paixões. É para isso que um poeta existe: para nos transmitir aquilo que ele sente, para fazer aflorar as emoções, os sentimentos que existem dentro de nós, os leitores.

Este trabalho, que tem que por base, dentre outras, as obras *Ovide: les Tristes – les Pontiques*, de Émile Ripert, publicada pela Librairie Garnier Frères; *Ovide: Tristes*, de Jacques André, publicada pela Société d’Édition “Les Belles Lettres”; e *Tristium*, tradução de Augusto Velloso, publicada pela Organizações Simões, se propõe a tecer comentários sobre a obra ovidiana de um modo geral, em especial sobre os versos da elegia doze do livro cinco dos *Tristia*.

Os *Tristia* são cinco livros, em dísticos elegíacos, escritos por Ovídio possivelmente durante e após sua viagem para Tomos, para onde fora mandado por ordem do imperador Otávio. Nesses livros ele se dirige a Otávio e ao público de um modo geral, falando de suas dores de exilado e procurando abrandar o coração do imperador, na esperança do perdão e do seu retorno a Roma.

Públio Ovídio Naso nasceu em Sulmona, atualmente Abruzzo, região situada no centro da Itália, a 13 das calendas de abril, isto é, a 20 de março do ano 711 da fundação de Roma, 43 anos antes da era cristã: